

*personalidades* transitórias, percorrendo assim, no curso de sua evolução, uma após outra, todas as fases da existência condicionada nos diversos reinos da Natureza, com o objetivo de ir entesourando as experiências relacionadas com as condições de vida inerentes a elas; como o estudante entesoura diversos conhecimentos e experiências em cada um dos cursos que faz durante sua vida universitária, até que, uma vez terminado o ciclo de renascimentos, esgotadas todas as experiências e adquirida a plena perfeição do Ser, o Espírito individual, completamente livre de todas as travas da matéria, alcança a Libertação e retorna a seu ponto de origem, abismando-se novamente no seio do Espírito Universal, como a gota d'água no oceano. A filosofia esotérica afirma, pois, a existência de um princípio imortal e individualizado, que habita e anima o corpo do homem e que, com a morte do corpo, passa a encarnar outro corpo, depois de um intervalo mais ou menos longo de vida subjetiva em outros planos. Desse modo, as vidas corporais sucessivas se enlaçam com outras tantas pérolas no fio, sendo este fio o princípio sempre vivo e as pérolas as numerosas e diversas existências ou vidas humanas na Terra. Nos livros exotéricos do Oriente diz-se que a Alma transmigra das formas humanas para as formas animais e pode passar para formas ainda mais inferiores (vegetais ou minerais). Esta crença é geralmente aceita não só nos países orientais mas também no Ocidente, entre os prosélitos de Pitágoras e de Platão; porém a filosofia esotérica rechaça totalmente tal afirmação por ser irracional e porque se opõe abertamente às leis fundamentais da Natureza. O Ego humano pode encarnar apenas em formas humanas, pois só estas oferecem as condições através das quais são possíveis as suas funções; jamais poderá viver em corpos animais nem retroceder ao bruto, porque isso seria ir contra a lei da evolução. (Ver *Doutrina Secreta*, I, 208.) Este falso ponto de vista é um disfarce do ensinamento esotérico e só pode ser admitido no sentido alegórico, do mesmo modo que chamamos de "tigre" o homem de instintos cruéis, "raposa" àquele dotado de muita sagacidade e astúcia etc. É certo que um homem pode degradar-se e chegar a ser até pior, moralmente, que qualquer bruto, mas não pode fazer a roda do tempo dar voltas nem girar na direção contrária. A Natureza nos abre portas, porém aquelas que deixamos para trás se fecham inevitavelmente como uma fechadura de mola para a qual não temos a chave. (A. Besant, *Reencarnação*.) Para se ter uma verdadeira idéia da Reencarnação, é preciso compreender bem qual é a parte do homem que se reencarna; do contrário, expõe-se a incorrer em graves erros. De início, não se trata aqui do quaternário inferior, porque este é constituído de princípios mortais ou transitórios, que servem apenas para um renascimento ou uma só personalidade terrestre; não se trata, pois, da natureza animal, da parte que o homem tem em comum com o bruto, isto é, o corpo físico, o duplo etéreo, o princípio vital e o centro ou princípio dos apetites, desejos ou paixões. Aquilo que verdadeiramente se reencarna é a entidade *individual* e imortal do homem, da Tríada superior, constituída pelo *Átma-Buddhi* e o *Manas* superior; porém, como a Mônada (*Átma-Buddhi*) é universal e não difere entre pessoas ou indivíduos distintos, na realidade aquilo que estritamente se pode dizer que reencarna é o *Manas*, o Pensador, o Ego ou verdadeiro Homem, que, enobrecendo e purificando seu eu inferior, luta por unir-se à Mônada divina. A Reencarnação, doutrina que parece ser nova entre nós, apesar de ser antiqüíssima, é a crença de dois terços da população mundial e foi aceita sem reservas em todos os séculos passados. Em uma palavra, é uma verdade esquecida. Nas Escrituras Sagradas da maior parte do Oriente, fala-se da Reencarnação como de uma doutrina que não tem necessidade de provas ou demonstrações, como uma dessas verdades correntes e incontestas, que todo mundo aceita sem discussões nem exames. No *Novo Testamento* encontram-se várias alusões a esta doutrina (*Mateus*, XVII, 12, 13; *Marcos*, VI, 14-16; *João*, IX, 1, 2 etc.) e assim a vemos plenamente admitida por vários padres da antiga Igreja. (Ver A. Besant. *Compêndio Universal de Religião e Moral*, tomo I, pp. 97 e segs.) No próprio Ocidente a crença na Reencarnação estava muito arraigada na Anti-

qüidade, como o demonstram certos ensinamentos da Mitologia e numerosas obras de sábios eminentes. Muitos pensadores e filósofos antigos e modernos a admitiram sem reservas e, para prová-lo, pode-se citar os nomes de Pitágoras, Platão, Empédocles, Sócrates, Kant, Schopenhauer, Shakespeare, Fichte, Herder, Lessing, Shelley, Emerson, Goethe, Hegel, R. Wagner etc., fato que não deve causar estranheza, porque a doutrina da Reencarnação é a *única* que nos oferece uma explicação lógica, clara e satisfatória do grande número de problemas e enigmas que torturam a inteligência humana, tais como as diferenças de caráter, os instintos diversos, as tendências inatas de diversas pessoas, o talento e as disposições naturais que algumas delas apresentam para as ciências e as artes, as enormes e irritantes desigualdades de nascimento e fortuna, as aparentes injustiças que vemos a cada passo dado na Terra etc. De outro modo, a boa ou má sorte dos homens não respondem a qualquer idéia de justiça, mas dependem simplesmente do mero capricho de uma divindade irresponsável ou das forças cegas de uma Natureza sem alma. De tudo o que foi exposto, deduz-se que deve existir necessariamente uma causa, uma lei que regule de maneira justa e precisa as condições de cada encarnação ou existência, e esta lei é o *Karma*, doutrina gêmea da Reencarnação, lei inflexível que ajusta sábia e equitativamente a cada causa o seu devido efeito; é o destino de cada indivíduo, porém não um destino cego ou caprichoso, mas o destino ineludível, absolutamente justo e estritamente acomodado ao mérito e demérito de cada um. Em virtude da lei kármica, as boas ou más conseqüências de todos os atos, palavras e pensamentos do homem reagem sobre ele com a mesma força com que atuaram e assim é que, cedo ou tarde, na atual ou futuras existências, cada um colhe exatamente aquilo que semeou. Nossos desejos, nossas aspirações, nossos pensamentos, nossos atos são aqueles que, por virtude de tal lei, nos atraem repetidas vezes para a vida terrestre, determinando a natureza de nossos renascimentos. Todas as desigualdades, todas as diferenças que vemos na condição de diversas pessoas são filhas dos merecimentos ou das culpas de cada um e, portanto, o que geralmente se considera como favores ou crueldades da sorte, nada mais é do que o correspondente e justo prêmio ou castigo de nossa conduta passada. Somos nós mesmos que forjamos nosso futuro e lavramos nossa felicidade ou desventura vindouras, sem que por isso possamos bendizer ou culpar ninguém mais do que a nós mesmos. Não somos, de maneira nenhuma, escravos de nosso destino, mas seus donos e criadores; o destino é inevitavelmente nossa própria e exclusiva obra. (Ver *Karma*, *Metamorfose*, *Metempsicose*, *Preexistência* etc.)

**Regenerador** – Ver *Shiva*.

**Regentes** – Todos os mundos estão sujeitos ao Poder e à superintendência de alguns grandes Seres chamados Regentes (Richis, Pitris, Devas ou Deuses, Dhyân Chohans, Anjos, Gênios etc.). Quatro destes seres elevados, que são os quatro grandes Reis ou *Mahârâjahs*, presidem ou dirigem cada um dos quatro pontos cardeais ou as Forças cósmicas do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste, cada uma das quais com uma virtude oculta própria. Os cristãos designam estes Seres pelos nomes de "Espíritos" ou "Virtudes angélicas". (*Doutrina Secreta*, I, 148) Estes Devas encontram-se também relacionados com o Karma, porque este tem necessidade de agentes físicos e materiais para cumprir seus decretos, tais como os quatro tipos de ventos, que exercem influências boas ou más sobre a saúde dos seres vivos. (*Ibid.*, I, 147) Os Regentes são também os Poderes que governam os quatro elementos primitivos, – terra, água, ar e fogo – e os espíritos da Natureza a eles relacionados. Há também os sete Regentes ou gênios protetores, que correspondem a cada um dos sete planetas principais ou sagrados (*Ibid.*, I, 176, 454) e a outros astros (*Ibid.*, I, 484, 628); assim, temos os sete Richis ou Regentes das sete estrelas da Ursa Maior (II, 332), os Regentes da Lua (II, 339), os Regentes ou deuses protetores de cada um dos doze signos do Zodíaco (II, 374) etc. Há, finalmente, os Regentes ou Patro-